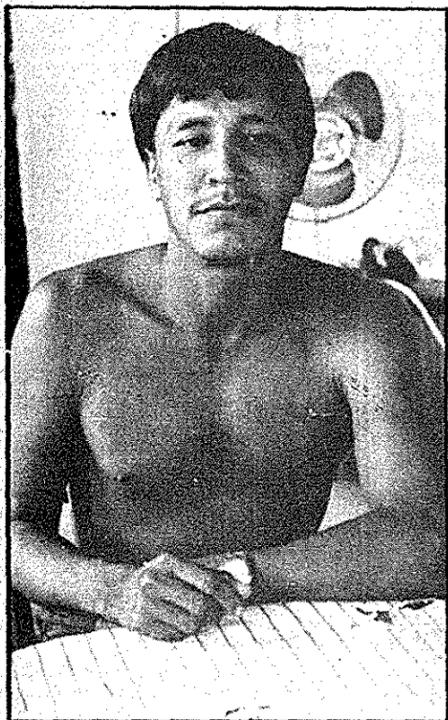


Incidente no posto da Funai foi disputa por indenizações

Carlos Dias e José Saralva



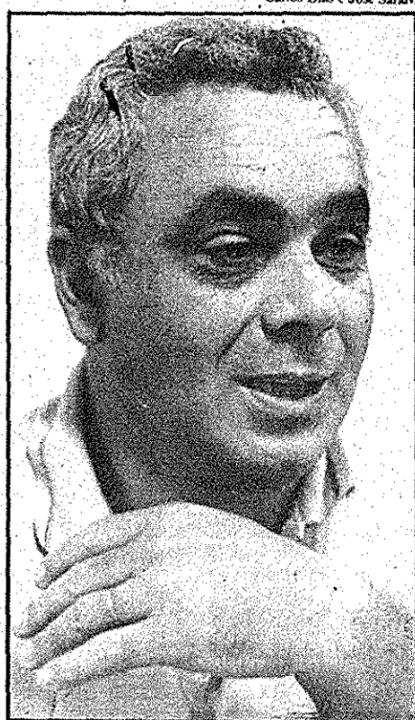
Mário, um dos líderes.



Viana, o tuchaua geral.



Benedito não quis falar.



Amâncio desapareceu.

Uma disputa financeira entre líderes rivais foi a causa do incidente de anteontem, que resultou na ocupação do principal posto da Funai, na região do Alalaú e na tomada de cinco reféns por um grupo de Waimiri-Atroari. O incidente já foi contornado e a situação está sob controle, depois da reunião dos índios com a comitiva da Funai comandada pelo superintendente regional, Sebastião Amâncio. A comitiva retornou ontem mesmo à Manaus, trazendo os tuchauas Mário, Viana e Antônio Taocá, que hoje darão uma entrevista coletiva.

A comitiva da Fundação Nacional do Índio, comandada pelo superintendente Sebastião Amâncio e composta do sertanista Estevão Rodrigues da Silva, dos assessores especiais Benedito e José Machado (índios tukanos) e dos funcionários Júlio Reinaldo Moraes, viajou para o Alalaú em um avião Navajo da Rico Táxi Aéreo que decolou às 08:40 horas. O pouso e a recepção no posto NAWA (Núcleo de Apoio Waimiri-Atroari), localizado nas proximidades da ponte sobre o Alalaú, altura do quilômetro 255 da BR-174, aconteceram sem nenhum problema, de acordo com as informações fornecidas no retorno por um funcionário da Funai.

O Navajo da Rico Táxi Aéreo retornou a Manaus às 13:45 horas com

uma mudança na lista de passageiros: ao invés do sertanista Estevão Rodrigues e do funcionário Júlio Moraes, desceram do avião os tuchauas Atroari Mário e Viana e o líder Waimiri Antonio Taocá. A imprensa chegou atrasada ao aeroporto por causa de informações desconhecidas fornecidas na sede da Funai, onde um assessor garantiu que o retorno da comitiva só deveria acontecer após as 16 horas.

Até o final da tarde, ninguém sabia informar na sede da Funai o paradeiro de Sebastião Amâncio e dos tuchauas Waimiri-Atroari que ele trouxe para Manaus. A única notícia oficial fornecida pelo setor de comunicação social do órgão marcava para as 10 horas de hoje uma entrevista coletiva com o superintendente e os três líderes indígenas, na qual o incidente no Alalaú "será totalmente esclarecido".

O assessor especial para assuntos indígenas da Superintendência Regional da Fundação Nacional do Índio, Benedito Machado, foi localizado nas proximidades da sede do órgão por casualidade. Ele apenas confirmou que fizera parte da comitiva que foi ao posto da NAWA, mas quando convidado a explicar como estava a situação chegou a ser grosseiro e afastou-se rapidamente, alegando que na entrevista de hoje as pessoas

autorizadas pelo superintendente dariam as explicações necessárias.

BRIGA POR DINHEIRO

Uma briga pelo dinheiro de algumas indenizações pendentes foi o verdadeiro motivo do incidente no Alalaú. O grupo Waimiri-Atroari tem como líder geral o tuchaua Viana, que é Atroari. Antonio Taocá, líder Waimiri, vem tentando assumir a liderança geral há algum tempo e a disputa pelo comando dos dois grupos que representam atualmente 350 índios alcançou o clímax com a aproximação da data do recebimento de indenizações devidas pela Eletronorte e pela Mineração Taboca, do grupo Paranapanema, que explora o complexo do Pitinga.

São três as indenizações envolvendo áreas utilizadas pela Taboca e pela Eletronorte. Uma delas deve ser paga apenas ao grupo Waimiri e as outras duas ao grupo Atroari. O tuchaua Antônio Taocá não concorda com essa divisão e passou a fazer pressão para que o dinheiro das três indenizações fosse administrado por ele. As discussões que começaram em uma reunião ocorrida no início da semana, tiveram desfecho na tarde de terça-feira, quando os tuchauas Mário, Viana e Antonio Taocá apare-

ram no posto NAWA tentando uma solução.

No confronto de argumentos, as discussões foram ficando violentas e envolvendo o chefe do posto, Raimundo Antonio Nunes. A situação em que aconteceu a tomada dos cinco funcionários como reféns ainda não está explicada. Mas o assessor José Ribamar Caldas adiantou que recebeu comunicação por rádio, do posto, exigindo a presença de Sebastião Amâncio e avisando sobre os reféns.

Ontem à tarde, o piloto do Navajo da Rico Táxi Aéreo fretado pela Funai para a viagem ao Alalaú revelou que tudo parecia tranquilo quando a comitiva desceu do avião. "Não vi nada de anormal, o ambiente parecia bem descontraído e se havia alguma espécie de desacordo não cheguei a perceber. Só sei que é que havia muita comida", garantiu.

ACIDENTE CONFIRMADO

O setor de comunicação da Funai, finalmente confirmou o acidente ocorrido na tarde de 26 passado, com um caminhão da Mineração Taboca que conduzia 12 Waimiri-Atroari na carroceria e capotou na BR-174, dentro da área do Pitinga. Os índios trabalhavam plantando capim, dentro do projeto de bovinocultura que eles

próprios estão implantando na reserva e no final do serviço retornavam pela estrada quando o caminhão passou pelo local e o motorista lhes ofereceu carona até a maloca.

No percurso o caminhão capotou, 10 índios sofreram ferimentos feves e foram atendidos no Hospital da Vila Pitinga. Os outros dois, com ferimentos mais graves foram removidos para Manaus numa viatura da Mineração Taboca, cuja direção manteve o assunto em sigilo até anteontem, quando a informação chegou a Brasília.

Existe a denúncia de que a superintendência regional da Funai foi informada do acidente mas escondeu o assunto da imprensa, pressionada pela Taboca, do grupo Paranapanema. Essa conivência da Funai com a mineradora teria sido uma das causas do descontentamento que resultou no incidente no posto do Alalaú, na opinião de um missionário do CIMI.

Ontem, a reportagem de A CRÍTICA conseguiu localizar os dois índios removidos para Manaus pela Taboca. Eles são os Waimiri Yapanã e Aratican e estão e estão internados na Samel - Serviços de Assistência Médico Hospitalar Ltda, na avenida Joaquim Nabuco. Uma assistente social da Funai impede as visitas e não concordou em conversar com a imprensa.